

O ECUMENISMO: ANÁLISE A PARTIR DO PENSAMENTO DE ELIAS WOLFF

The Ecumenism: Analysis from the thinking of Elias Wolff

Joel Haroldo Baade¹

Adelcio Machado dos Santos²

RESUMO

Com fulcro na obra de Wolff (2002; 2004; 2007), este artigo registra a doutrina ecumênica, envolvendo as comunidades cristãs, partindo da premissa, formulada pelo autobase, quanto à existência de juízo de valor ético das diferentes tradições religiosas, isto é, o trabalho dividido em benefício de uma renovada irmandade entre os seres humanos e a atenção especial com o Planeta. A religião contida dentro da espiral da reconciliação. Também para as formulações doutrinárias da fé cristã, há inquietações de ordem e procedência diversas que apontam para a necessidade de revisão do dogma central da unicidade e singularidade de Jesus na mediação da salvação universal. O Cristianismo deve atentar ao risco permanente do colonialismo ocidental. O Cristianismo necessita converter-se de seu fechamento ocidental e abdicar de toda identificação entre a catolicidade do cristão e a universalidade do ocidental. Como enfatiza Wolff, não haverá paz no mundo sem paz entre as religiões. No século XXI, o pluralismo religioso demonstra uma importância inevitável no novo cenário que se inicia. É observável uma presença crescente da diversidade religiosa no panorama mundial. Posto que ainda incipiente, faz-se mister efetuar abordagem iniciática do ecumenismo, para que a experiência continue avançando.

¹ Joel Haroldo Baade. Doutor. Professor da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe – UNIARP. Caçador, Santa Catarina, Brasil. Contato: baadejoel@gmail.com.

² Adelcio Machado dos Santos. Pós-Doutor. Reitor da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe – UNIARP. Caçador, Santa Catarina, Brasil. Contato: adelciomachado@gmail.com.

Palavras-chave: Ecumenismo; Elias Wolff; pluralismo religioso.

ABSTRACT

Based on the work of Wolff (2002; 2004; 2007), this paper records the ecumenical doctrine, involving the Christian communities, commencing from the premise formulated by the cited author, which refers to the existence of ethical value judgments of different religious traditions, that is, the work divided into benefit of a renewed brotherhood between human beings and special attention to the Planet. The religion contained within the spiral of reconciliation. Also for the doctrinal formulations of the Christian faith, there are concerns of diverse order and origin which point to the need of reviewing the central dogma of the unity and uniqueness of Jesus in mediating universal salvation. Christianity should be aware of the constant risk of Western colonialism. Christianity needs to convert itself from its Western shutdown and abdicate all identification between the catholicity of the Christian and the universality of the western. As Wolff emphasizes, there will be no world peace without peace among religions. In the twenty-first century, religious pluralism demonstrates an inevitable importance in the new scenario that begins. A growing presence of religious diversity on the global scene is observable. Though still in its infancy, it is mister to make initiatory approach to ecumenism, so the experiment continues to advance.

Key-words: Ecumenism. Elias Wolff. Religious pluralism.

INTRODUÇÃO

De acordo com Sinner, a obra de Elias Wolff, com amplo conhecimento, engajamento e atitude de respeito às discrepâncias, consegue demonstrar a necessidade do ecumenismo e suas formas atuais, definindo que isso acontece por meio do (*diá*) do encontro de saberes (*logos*) diferentes da fé cristã que se constrói a possibilidade da *oikoumene* na compreensão e vivência do *kerygma* cristão.³

³ SINNER, Rudolf von. Caminhos do Ecumenismo no Brasil: história, teologia, pastoral. *Revista Eclesiástica Brasileira*. Disponível em: <http://www.itf.org.br/revistas/reb/253_6.php>. Acesso em: 25 set. 2008; WOLFF, Elias. *Caminhos do ecumenismo no Brasil*: história, teologia, pastoral. São Paulo: Paulus, 2002. p. 17.

Segundo próprio Wolf, “um dos desafios mais urgentes para a reflexão teológica na atualidade é orientar o diálogo entre as diferentes concepções de Deus, da Igreja, do ser humano, da vida no planeta, apresentado pelas igrejas e religiões”.⁴

Salienta, outrossim, a pertinência deste fato, mais especificamente, por meio do diálogo ecumênico no Brasil a partir das igrejas-membro do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC). Restringe-se, por conseguinte, ao ecumenismo cristão entre as Igrejas Católica Apostólica Romana, Cristã Reformada, Episcopal Anglicana do Brasil, Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, Metodista, Católica Ortodoxa Siriana do Brasil e Presbiteriana Unida.⁵

Faz-se mister clangorar que, com exceção da primeira, estas igrejas representam parcelas da nação brasileira, tendo ainda expressão regionalizada. A crescente minoria conhecida como “evangélica” são das igrejas pentecostais e neopentecostais, em sua maioria alheias ao ecumenismo.

As ideias do autor não representam necessariamente uma postura majoritária, contudo consegue fazer uma ponte entre ecumenismo de cunho institucional no Brasil e no mundo, por meio de diálogos bilaterais e multilaterais. Faz-se mister, porém, um ecumenismo de diálogo e consenso, indispensável para a continuidade dos laços fraternos estabelecidos a partir de contatos pessoais e colaborações na prática.

Pikaza, à guisa de exemplo, destaca que os cristãos só podem afirmar sua identidade se buscarem o bem dos demais, isto é, dos não cristãos, mais que o seu próprio. Um cristão que quisesse o triunfo exclusivo de sua Igreja não seria seguidor daquele Jesus que morreu precisamente por negar a imposição de um tipo de sistema religioso particular e que ressuscitou para

⁴ WOLFF, 2002. p. 15.

⁵ WOLFF, 2002, p. 17.

abrir o Reino, de modo afetivo, espiritual e humano, a todas as pessoas. O cristianismo só é verdadeiro quando, sendo o que é, é inspiração ou movimento que se abre para as demais religiões, conspirando com elas para explorar melhor a riqueza da vida que sempre supera a existência individual.⁶

Nesse sentido, nenhum sistema religioso está apto a afirmar-se absoluto, pois o mistério ao qual o sistemas religiosos fazem alusão jamais poderá ser exaurido.

Existe sempre um além no mistério que aparece como objeto de culto das igrejas e religiões e, conseqüentemente, objeto da reflexão teológica, que não pode ser apreendido em sua totalidade, o que mostra que qualquer compreensão que dele se tenha será sempre limitada.⁷

Reconhecido este fato, deve-se reconhecer também que as diferentes apropriações do mistério tem a sua identidade definida e formulada de modo legitimamente autônomo. Cabe, portanto, à teologia a tarefa de cessar com os seus “eterno monó-logos” para adentrar às possibilidades de “diá-logos”, pois “só no horizonte do diá-logos é possível o encontro de diferentes saberes acerca do mesmo objeto”.⁸

1 ONTOLOGIA ECUMÊNICA

Wolff relata que os organismos ecumênicos são manifestações dos esforços por congregar os ideais da unidade e da comunhão entre pessoas, sociedades, culturas, igrejas e religiões. Aspiram pela realização da *oikoumene* como o espaço de vida comum entre todos. Em sua grande maioria, trabalham em duas frentes, simultaneamente, a saber: a religiosa, particularmente na busca da realização da unidade dos cristãos; e a

⁶ PIKAZA, Xabier. *Violência e diálogo das religiões: um projeto de paz*. São Paulo: Paulinas, 2008.

⁷ WOLFF, 2002, p. 15.

⁸ WOLFF, 2002, p. 17.

social, buscando um outro mundo possível. Ao mesmo tempo em que expressam e fortalecem a aspiração ecumênica, prestam também um serviço imprescindível aos ideais por uma sociedade melhor, mais justa, fraterna e solidária.⁹

Já em “Caminhos do ecumenismo no Brasil”, Wolff havia salientado que:

Os desafios para o ecumenismo apresentam-se em dois principais horizontes: no interior do pluralismo eclesial e no interior da sociedade, sendo que nesta, além das questões sociais, o diálogo precisa contemplar também as questões oriundas do pluralismo religioso. Tais desafios são de natureza teológica, pastoral e social.¹⁰

Muitos são os organismos ecumênicos no Brasil, cada um com sua proposta específica, sua finalidade, sua metodologia de trabalho. Essa variedade faz com que os organismos consigam contemplar em suas agendas a totalidade das lutas sociais. Wolff afirma ainda que há organismos que se ocupam com as questões sociais em geral e outros que se dedicam a uma causa específica, como a violência infantil, as relações de gênero, as questões do trabalho, a ecologia e meio ambiente e a educação.¹¹ Pode-se dizer, em consonância com o pensador, que toda a vida social é assumida pelos organismos ecumênicos. Eles são, dessa forma, dinamizadores de propostas por uma vida na justiça da partilha das condições de sobrevivência para todas as pessoas.

Sinner, ao analisar textos de Wolff, enfatiza que o ecumenismo no Brasil tem o diferencial de ter surgido da cooperação na luta contra a opressão e pela libertação e da opção pelos pobres feita pela Igreja Católica Romana e por algumas igrejas evangélicas.¹²

⁹ WOLFF, Elias (Org.). *Exercitando a cooperação*. Florianópolis: ITESC, 2006.

¹⁰ WOLFF, 2002, p. 73.

¹¹ WOLFF, 2006.

¹² WOLFF, 2008.

O autor, fulcro deste artigo, apresenta uma ampla introdução à temática, demonstrando os desafios para o ecumenismo no Brasil. Além disso, descreve a existência de fatores jurídicos, teológicos e pastorais que fazem com que a situação do pluralismo cristão no Brasil seja tão complexa e, por conseguinte, o diálogo, tão difícil. Existiram muitos desencontros, especialmente entre o catolicismo romano e o protestantismo de missão que procurava inserir-se no Brasil, a partir da segunda metade do século XIX.¹³

Todavia, as igrejas adversam reptos que lhes são comuns, quais sejam, o crescimento célere do pentecostalismo, a diversidade religiosa – que não segue os padrões da Europa e, por conseguinte, precisa de uma resposta diferente – e a situação social no país criam conflitos (ideológicos, econômico-sociais, de raça e de gênero) dentro das próprias igrejas.¹⁴ A partir dessa constatação, Wolff acentua que:

torna-se difícil delinear o problema de como chegar a plasmar a unidade do povo de Deus no interior de uma sociedade dividida. As igrejas são interpeladas por essa realidade, sobretudo quando se considera que ela tem provocado e provoca o sofrimento injusto e a morte de membros do povo de Deus.¹⁵

No alvitre de Sinner, Elias Wolff demonstra que existe uma história do ecumenismo do Brasil a partir da criação da Aliança Evangélica Brasileira (AEVB), em 1903, quando se tem início o ecumenismo interprotestante¹⁶, seguido por uma segunda fase, a partir de 1960, com a entrada de católicos romanos e anglicanos¹⁷, e uma terceira, que se inicia com a formação do CONIC, em 1982.¹⁸ Nesses anos, foi observado que as expressões institucionais do ecumenismo tiveram um caráter mais técnico.¹⁹

¹³ WOLFF, 2002, p. 61ss.

¹⁴ WOLFF, 2002, p. 70s.

¹⁵ WOLFF, 2002, p. 72.

¹⁶ WOLFF, 2002, p. 77-80.

¹⁷ WOLFF, p. 2002, p. 103ss.

¹⁸ WOLFF, 2002, p. 128ss.

¹⁹ SINNER, 2008.

A obra de Wolff indaga ainda pelo fundamento teológico para o ecumenismo, partindo do pressuposto “de que unidade, enquanto aspiração cristã, tem fundamentação teológica”.²⁰ Segundo o autor, há diversos fatores nas várias igrejas que complicam o diálogo ecumênico, entre eles, a indiferença e o fundamentalismo. Alguns fatores são tidos como despertadores para a consciência ecumênica, como o Concílio Vaticano II com seu decreto sobre o ecumenismo (“*Unitatis redintegratio*”) e as conferências regionais (Medellín, Puebla, Santo Domingo) que o seguiram, bem como a Encíclica papal “*Ut unum sint*”, de 1995. Da mesma forma, ressalta-se ainda a importância de entidades ecumênicas e o nascimento da Teologia da Libertação, empreitada ecumênica desde o início.²¹

Diante dos grandes desafios, que lhes são comuns, cristãos, teólogos e lideranças das várias igrejas começaram a colaborar. Estas iniciativas foram locais, mas com repercussão e apoio internacionais. Entretanto, elas não foram suficientes para a elaboração de uma “proposta articulada de ‘teologia ecumênica’”.²² Fatores sociais, eclesiais e teológicos que podem fundamentar o ecumenismo estariam implicados nessas ações, segundo Wolff, mas:

O que se faz necessário é articular esses fatores, acreditando que nos encontros e desencontros entre eles é possível a verificação de elementos que possibilitem explicitar a existência de uma perspectiva ecumênica na reflexão da fé, explícita ou não nos trabalhos de teólogos das diversas igrejas que promovem o diálogo ecumênico local.²³

Nesse propósito, Wolff insiste ainda para a importância de uma “proposta metodológica para a reflexão da fé”, em que é preciso um aprofundamento teológico, além da simples colaboração.²⁴ Para tal, é preciso uma metodologia baseada numa hermenêutica da Bíblia e da Tradição, enfatizando o aspecto da *koinonia*/comunhão.

²⁰ WOLFF, 2002, p. 155.

²¹ WOLFF, 2002, p. 155ss.; SINNER, 2008.

²² WOLFF apud SINNER, 2008.

²³ WOLFF, 2002, p. 155.

²⁴ WOLFF, 2002, p. 170; SINNER, 2008.

O testemunho da *koinonia* implica em aceitar o risco difícil de viver juntos, na mesma comunidade, embora divergindo e assumindo no Espírito de Cristo as contradições do nosso tempo: a aceitação do risco de prolongar o diálogo [...] A *koinonia* tem perspectiva missionária e propedêutica: testemunha e ensina a viver a fé em Deus. Assim, na medida em que as igrejas testemunham a *koinonia* alimentando-a pela vivência da fé, na celebração dos sacramentos, na prática da caridade e na comunhão com os pastores, o mundo poderá reconhecê-las como o lugar da adoração do verdadeiro Deus (1Cor 14,23-25).²⁵

Por isso, o autor, do mesmo vértice, propõe a convivência dos cristãos²⁶, a cooperação ecumênica²⁷ e o diálogo teológico-doutrinal²⁸, como momentos da teologia ecumênica, e o testemunho em comum como aspecto fundamental do caminho do ecumenismo. Ressalta, com direito, na necessária reconciliação entre o ecumenismo “prático” e o ecumenismo “doutrinal”, sendo estes, na verdade, as duas faces da mesma moeda.²⁹

Adita, outrossim, que uma reflexão sistemática na perspectiva ecumênica, centrada no amplo horizonte da *koinonia*, avance para além das dificuldades que deixam a Teologia da Libertação numa “estagnação” e “perplexidade”. O autor destaca a importância do horizonte temático da teologia ecumênica, com aspectos bíblicos³⁰, históricos³¹, culturais³², missiológicos³³, escatológicos³⁴ e místicos.³⁵ Nesse sentido, Wolff acentua que:

²⁵ WOLFF, 2002, p. 199.

²⁶ WOLFF, 2002, p. 188s.

²⁷ WOLFF, 2002, p. 189ss.

²⁸ WOLFF, 2002, p. 191s.

²⁹ WOLFF, 2002, p. 192ss.

³⁰ WOLFF, 2002, p. 203ss.

³¹ WOLFF, 2002, p. 209ss.

³² WOLFF, 2002, p. 213ss.

³³ WOLFF, 2002, p. 218ss.

³⁴ WOLFF, 2002, p. 223ss.

³⁵ WOLFF, 2002, p. 227ss.

Os estudos históricos, teológicos e pastorais tanto da Igreja Católica quanto de outras comunhões eclesiais no Brasil apresentam uma profunda carência na apresentação das suas relações ecumênicas. O caráter eminentemente confessional desses estudos tende a desconsiderar, na maioria das vezes, a sua dimensão ecumênica, e quando a temática aparece é, normalmente, apenas um item entre outros, quase como um fenômeno estranho no contexto histórico, teológico e pastoral das igrejas.³⁶

Wolff empreende elementos constitutivos da unidade da Igreja, ressaltando o consenso já alcançado, e questões de contínua divergência. Estes elementos incluem a compreensão da própria natureza da igreja – que pode ser tido como um aspecto de grande importância (e divisório) no diálogo ecumênico.³⁷ A partir disso, o autor afirma que o ponto de partida para a unidade é:

a constatação de que [...] existe a busca da unidade. Essa exige, de um lado, a identificação dos elementos que constituem a unidade e, de outro lado, a comunhão das igrejas nesses elementos. Essa identificação e comunhão vão se explicitando no processo do diálogo ecumênico, de acordo com os seus agentes, o contexto socioeclesial e a intensidade com que as instituições eclesásticas e os cristãos nele se integram.³⁸

A variedade de expressões eclesiais não significa necessariamente uma contraditoriedade, pois, conforme o pensador estudo, o que se deve buscar é a unidade em conteúdo e não uniformidade nas suas formas de expressão. Este, aliás, já foi uma das constatações entre os reformadores protestantes do século XVI. Na Confissão de Augsburgo, em seu artigo 7, lê-se: “E para a verdadeira unidade da igreja cristã não é necessário que em toda a parte se observem cerimônias uniformes instituídas pelos homens”.³⁹

³⁶ WOLFF, 2001.

³⁷ WOLFF, Elias. *Ministros do diálogo: o diálogo ecumênico inter-religioso na formação presbiteral*. São Paulo: Paulus, 2004.

³⁸ WOLFF, 2002, p. 233.

³⁹ *Confissão de Augsburgo de 1530*. Artigo 7.

Outro fator destacado é a unidade na fé, onde são apresentados processos de diálogo ecumênico sobre a confissão de fé e a doutrina da justificação, áreas nas quais foram alcançados consensos bastante amplos. Em síntese, os elementos convergentes na compressão da fé estão no seu entendimento como um dom que vem do próprio Deus; que o seu objeto é igualmente o próprio Deus; que ela é um ato eclesial, manifestando-se na proclamação da ressurreição de Cristo; e que a fé é também um ato humano, como resposta do ser humano à ação de Deus.⁴⁰

Sinner clangora que Wolff apresenta uma abordagem da unidade sacramental, ponto de consenso avançado no que se refere ao batismo⁴¹, mas de contínua polêmica em torno da Santa Ceia/Eucaristia.⁴² Entre diversos argumentos importantes, destaca a necessidade em relação ao compromisso da celebração como afirmação da unidade do corpo de Cristo, num contexto de vida em que o alimento se torna motivo de angústia e sofrimento, sendo fundamental que o sentido do repartir o pão seja experiência de partilha e solidariedade.⁴³

O autor destaca ainda a questão do ministério ordenado. Esse é considerado um dos pontos de maior divergência, de maneira especial entre católicos romanos e protestantes. Até o primado papal parece aceitável aos não romanos, especialmente aos anglicanos, como ministério universal da unidade, pressupondo um poder partilhado com outros primazes – visão igual à das igrejas ortodoxas. O dissenso, por sua vez, situa-se especialmente nas questões referentes à natureza, estrutura e sujeito do ministério ordenado. O esforço do diálogo ecumênico, pois, deve-se buscar conciliar as diferentes posições, “de modo a possibilitar futuramente um mútuo reconhecimento no serviço prestado à única Igreja de Cristo”.⁴⁴

⁴⁰ WOLFF, 2002, p. 258-281.

⁴¹ BWOLFF, 2002, p. 293ss.

⁴² WOLFF, 2002, p. 297ss.

⁴³ SINNER, 2008. Veja WOLFF, 2001 e WOLFF, 2002, p. 310s.

⁴⁴ WOLFF, 2002, p. 320.

Wolf, em sua obra “Caminhos do Ecumenismo no Brasil”, por fim, referencia a relação entre ecumenismo e promoção humana. O autor afirma que “as diferentes igrejas manifestam a preocupação de acompanhar e assistir o ser humano inserido no tecido das relações sociais como um fator inerente à natureza missionária que todas afirmam possuir”.⁴⁵ Para ele, a cooperação ecumênica, promovida especialmente pelas Entidades Ecumênicas de Serviço, “surge como imperativo da comunhão na mesma fé e na mesma realidade social”.⁴⁶ Ressalta que esta práxis não pode nem deve ficar apenas com algumas pessoas, servindo como uma espécie de “tribo ecumênica”, num exclusivo “ecumenismo de base”, mas precisa perpassar os níveis eclesiais e de entidades ecumênicas. Por isso, Wolff situa a trajetória rumo à unidade em três diferentes caminhos: o teológico, o pastoral e o social. O teológico situa-se nos diálogos entre as igrejas, especialmente através de comissões e entidades ecumênicas; o pastoral sedimenta-se sobre a convicção de que há um compromisso comum de anunciar o Evangelho de Cristo para o mundo; e o social reside na necessidade partilhada de promover a vida humana de modo a superar os abismos econômicos, sociais, culturais e políticos que separam pessoas e comprometem a trajetória ecumênica.⁴⁷

2 APONTAMENTOS PARA UM MÉTODO DE ECLESIOLOGIA ECUMÊNICA

A cooperação é entendida por Elias Wolff como parte integral da missão das igrejas, recebendo enfoques ecumênicos em ações como a Campanha da Fraternidade 2000 – ecumênica –, espaço tradicionalmente ocupado pelos católicos romanos, mas naquele ano promovida em parceria

⁴⁵ WOLFF, 2002, p. 343.

⁴⁶ WOLFF, 2004.

⁴⁷ WOLFF, 2002, p. 410s.

com o CONIC. Dessa forma, fica visível que a união das igrejas na história não tem um fim em si mesma, mas apresenta-se como caminho para a unidade do gênero humano.

Wolff enfatiza que o ecumenismo pode trilhar diversos caminhos, isso tudo, com um ar refrescante e de esperança para um diálogo que vem mostrando sinais de cansaço e de graves resistências por parte de diversas igrejas.⁴⁸ Para o autor:

[...] não poucos adotam atitudes que vão do fechamento e intolerância ao indiferentismo e ao relativismo. Para alguns, vigora a absolutização das posições. Para outros, um vale-tudo sincrético. Em ambos os casos foge-se da necessidade de ter de aprofundar a compreensão da realidade do pluralismo, postergando a busca de respostas aos questionamento que ele apresenta.⁴⁹

Isso se deve em muitos casos à fragilidade das motivações e convicções das orientações das lideranças eclesiais.⁵⁰ Nesse sentido, no que concerne à formação de ministros religiosos, Wolff acentua a importância de uma “mística ecumênica”, que é entendida como disposição espiritual, implicando uma “conversão interior”, uma *kénosis*, ou seja, uma postura de humildade e serviço, facilitando a “reconciliação e o perdão mútuo”.

Eis por que a formação ecumênica nos seminários recebe uma importância fundamental: ela deve possibilitar aos futuros presbíteros um “espírito ecumênico” que se manifeste pela conversão do coração, pela renovação do comportamento e pela flexibilidade nos métodos de afirmação das suas convicções, favorecendo a manifestação da verdade da Igreja no relacionamento com as demais tradições eclesiais.⁵¹

⁴⁸ WOLFF, 2004. LIBÂNIO, João Batista. Prefácio. In: WOLFF, Elias. *A unidade da Igreja*. São Paulo: Paulus, 2007. p. 9-17.

⁴⁹ WOLFF, 2004, p. 5s.

⁵⁰ WOLFF, 2004, p. 6.

⁵¹ WOLFF, 2004, p. 122.

Nesses termos, a formação teológica ecumênica não pode ser mero apêndice da formação teológica geral, mas deve constituir-se em eixo transversal em todas as disciplinas teológicas e, por consequência, de todo a eclesiologia cristã.⁵² Em outros termos, Wolff define o ecumenismo como “princípio formal” que deve servir de “elemento orientador da reflexão, que estabelece a perspectiva ou o modo adequado para se compreender algo, no caso a Igreja em sua dimensão misteriosa e institucional”.⁵³

A edificação da unidade da Igreja através do ecumenismo implica, ainda, diálogo entre iguais e não entre superiores e inferiores. A mística ecumênica permite ver que as divisões atingem mais os aspectos acidentais e estruturais da Igreja, no que se refere à sua manifestação visível, estruturas de organização e estruturas doutrinárias, do que a sua essência.⁵⁴ Essa postura relativiza as separações, já que adota uma visão mais profunda, procurando a unidade no próprio Deus. Destarte, é possível superar os impasses que recentes documentos eclesiásticos vêm reforçando. Nos termos do próprio Wolff:

No contexto plural, a eclesiologia precisa ser corajosa e profética. Precisa dialogar com o fenômeno do pluralismo eclesial, discernindo quando ele é fator e expressão da divisão e quando é expressão de positivas perspectivas eclesiais diferenciadas do evangelho.⁵⁵

Pode-se dizer que, antes de qualquer consenso doutrinário, o ecumenismo nasce de uma postura, de um hábito ecumênico, de um *modus vivendi*.⁵⁶ A ideia do “prestar contas mutuamente”, mencionada em dife-

⁵² LIBÂNIO, 2007 apud WOLFF, 2007, p. 12.

⁵³ WOLFF, Elias. Possibilidades e limites de uma eclesiologia ecumênica – traços de um caminho. *Teocomunicação*. Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 33-54, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/view/9201/6335>>. Acesso em: 06 nov. 2013. p. 37.

⁵⁴ SINNER, 2008.

⁵⁵ WOLFF, 2011, p. 36.

⁵⁶ WOLFF, 2011, p. 34.

rentes documentos ecumênicos, embora nem sempre levada à prática, postura que entende que os cristãos e as igrejas têm a tarefa de mutuamente “prestar contas” de como vivem sua fé, é fundamental para a vivência ecumênica.⁵⁷ Destarte, na posição de igreja, não se pode viver como se as outras não existissem. Essa postura tem uma importante raiz no pensamento do metodista argentino Bonino, conseqüentemente, uma estreita relação com o contexto latino-americano.⁵⁸

Wolff enfatiza assim, e com direito, a necessidade de uma metodologia e hermenêutica ecumênicas. A hermenêutica tem que ser expandida para tratar do relacionamento entre as igrejas, pois “o que deve se explorar é a possibilidade de que o mistério cristão seja melhor explicitado pelo encontro das diferentes hermenêuticas” confessionais, situando a teologia ecumênica “na tensão permanente entre a confessionalidade e a interconfessionalidade, a universalidade e a particularidade vivida pelos cristãos”.⁵⁹ Em outro momento, Wolff refere esta tensão e a necessidade do diálogo ecumênico em dois âmbitos: “no interior da Igreja, entre os discípulos-missionários de Cristo, organismos e instituições eclesiais [confessional]; e o diálogo externo, que expressa a relação da Igreja com a sociedade e sua inserção no diálogo ecumênico [interconfessional] e inter-religioso [metaconfessional]”.⁶⁰

Esse assunto vem sendo discutido também nos bastidores da Comissão de Fé e Constituição do Conselho Mundial de Igrejas (CMI). De fato, cita-se, o documento “Um tesouro em vasos de argila”, elaborado por esta Comissão. Configura-se de suma relevância a exploração deste

⁵⁷ SINNER, Rudolf von. O debate eclesiológico no Conselho Mundial de Igrejas. *Teocomunicação*. Porto Alegre, v. 36, n. 153, p. 599-621, 2006.

⁵⁸ BONINO apud SINNER, 2008.

⁵⁹ SINNER, 2008; LIBÂNIO, 2007 apud WOLFF, 2007, p. 12-13. Veja também WOLFF, 2011.

⁶⁰ WOLFF, 2008; WOLFF, 2011, p. 34; 44-46.

documento, porquanto trata de assuntos de interesse comum na discussão das igrejas. Efetua-se a discussão, nesse texto, da “contextualidade e catolicidade” que permite cruzar as questões doutrinárias com a inserção no contexto específico do Brasil e da América Latina.⁶¹ O documento desenvolve uma noção qualitativa da catolicidade em vez de ligá-la, nas palavras de Wolff, a uma tradição eclesial única e à superioridade numérica.⁶²

Consequência disso deveria ser a de sempre diferenciar entre “católicos romanos” ou a “Igreja Católica Romana” e “católicos” no sentido amplo, na “catolicidade” de toda a Igreja de Cristo, diferenciação efetuada em muitos lugares. Pela mesma razão, o termo “acatólicos”, não faz sentido. Estas pessoas deveriam antes ser chamadas “cristãos não romanos”, pois também evangélicos oriundos da Reforma e, em especial, anglicanos consideram-se “católicos” segundo a Confissão de Fé de Nicéia-Constantinopla. Por questões como essa, a metodologia para uma eclesiologia ecumênica deve, necessariamente, incluir a reflexão sobre a linguagem de modo tal que se possa expressar o universo teológico que é comum a todas as igrejas.⁶³

Wolff faz ainda um paralelo entre o diálogo teológico-doutrinal, a cooperação prática e a missão, todas as dimensões indispensáveis para o ecumenismo. Assim, ressalta, que a busca da unidade é um compromisso com a integridade da pessoa, vendo o ecumenismo como “missão e serviço à pessoa na sociedade”.⁶⁴ Por conseguinte, inclui o engajamento pela cidadania, indispensável num país onde seu pleno exercício ainda é inacessível para grande parcela da população. Este aspecto é considerado uma

⁶¹ CONSELHO NACIONAL DE IGREJAS CRISTÃS NO BRASIL. *Um tesouro em vasos de argila: instrumento para uma reflexão ecumênica sobre a hermenêutica*. Brasília, 2000.

⁶² WOLFF, 2004.

⁶³ WOLFF, 2007, p. 22-23.

⁶⁴ WOLFF, 2004.

contribuição muito valiosa do ecumenismo brasileiro ao movimento ecumênico mundial.

Nesse sentido, caberia cada vez mais uma reflexão da cidadania não apenas como pertença a um Estado nacional, mas como cidadania planetária. As igrejas têm um compromisso com toda a criação divina e, em decorrência disso, a cidadania planetária pode tornar-se justamente um elo de cooperação e diálogo ecumênico e inter-religioso. Trata-se de buscar a unidade em meio à diversidade, através do testemunho da *koinonia*, em que as confissões colocam-se a serviço umas das outras e do mundo, superando as tensões e divisões que contradizem a vontade de Cristo. Este é, para Wolff, um dos primeiros elementos essenciais do método para uma eclesiologia ecumênica.⁶⁵

Uma segunda questão fundamental para a concepção de uma eclesiologia ecumênica, segundo Wolff, consiste no estabelecimento de uma hierarquia de verdades. Nem todas as afirmações doutrinárias tem o mesmo peso e importância. Quanto a isso, o autor considera essencial que sejam considerados dois aspectos:

1. Existe uma ordem entre as verdades doutrinárias afirmadas e as realidades conhecidas por meio dessas afirmações. As verdades afirmadas doutrinariamente referem-se ao mistério divino e guiam o povo de Deus.
2. As doutrinas não estão todas no mesmo plano. Mesmo sendo todas elas reveladas e exigirem uma adesão de fé, estão em relação diferente umas frente às outras e na relação entre si, de acordo com a maior ou menor proximidade de cada uma do fundamento da fé. Esse fato mostra que tanto a revelação de Deus quanto a resposta humana também possuem uma ordem e isso deve ser considerado no diálogo entre as Igrejas.

Em terceiro lugar, Wolff enfatiza a necessidade de uma “hermenêutica da comunhão”, que, nos termos do autor,

⁶⁵ WOLFF, 2011, p. 47.

por ser capaz de penetrar com profundidade no mistério do Deus Uno e Trino, à luz desse mistério, compreende também em profundidade a verdade da Igreja. Essa hermenêutica possibilita convergências e consensos teológico-pastorais entre as tradições eclesiais, ajudando a superar as divergências na compreensão dos elementos que expressam a verdade da Igreja. As tradições particulares assumem um sentido universal quando isso acontece.⁶⁶

Entende-se, a partir disso, que os espaços de convivências entre as diferentes tradições religiosas são essenciais na busca da unidade. Na atividade e compromissos assumidos em conjunto, na reflexão sobre a própria identidade e sobre o que é próprio e essencial para cada tradição e na convivência e no diálogo que daí resulta, caminha-se para a unidade. A unidade da igreja, nesses termos, não é realidade que, uma vez alcançada, torna-se inalienável, mas jeito e trajetória que se percorre. Assim, as igrejas e religiões torna-se também referências e autoridade na promoção da paz mundial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em Caminhos do Ecumenismo no Brasil, Elias Wolff viabiliza uma ontologia do ecumenismo no Brasil, focando especialmente as tradições religiosas cristãs e históricas. A partir da análise realizada, o autor conclui que o itinerário do ecumenismo brasileiro é marcado por avanços e retrocessos, e que a necessidade do diálogo autêntico entre as igrejas é compromisso irrevogável.

Depreende-se da análise realizada que o risco do colonialismo ocidental ainda é presente nas abordagens e diálogos entre as igrejas, o que compromete a trajetória rumo a um ecumenismo efetivo. Nesse sentido, a catolicidade do cristão ainda precisa ser afirmada e dissociada do

⁶⁶ WOLFF, 2011, p. 49.

universalismo do ocidental. O dogma central do cristianismo quanto à unicidade e singularidade de Cristo na mediação salvífica universal, nesses termos, precisa ser ponto de profundo diálogo e discussão nas igrejas que pretendem rumar à cooperação mais autêntica. Talvez seja necessário indagar, inicialmente, o que de fato é universal no Cristo, o aceite racional do que se formulou a ser respeito ao longo da história ou a vivência que decorre do seu seguimento. Mas não se cairia aqui novamente no propósito de encontrar o Jesus Histórico, independente da tradição eclesiástica através da qual Ele ainda hoje é conhecido? Enfim, a questão ainda suscita mais perguntas do que respostas e, justamente por isso, precisa ser foco de análise e debate para que o ecumenismo possa avançar.

Wolff constata a necessidade da interação entre a formação para o diálogo interreligioso e a formação presbiteral como uma única realidade a ser trabalhada na vida dos presbíteros.⁶⁷ Para o autor, é fundamental considerar que o diálogo é elemento constitutivo da formação e da vida do ministro da Igreja. É por ele que a dimensão ecumênica da Igreja aparece como o horizonte no qual o presbítero realiza sua missão de orientar o povo de Deus, na vivência da unidade e comunhão em Cristo. E isto, resalta o autor, objeto deste estudo, não se alcança sem a atitude evangélica, e não menos profética, que promove o encontro entre igrejas e religiões; importa que os futuros pastores e sacerdotes estejam instruídos, segundo este espírito, não polemicamente.

Evidentemente, cumpre ter clareza sobre os meios, os caminhos e os modos de participar no trabalho ecumênico. Essa necessidade poderá exigir prudência e cautela nos caminhos do diálogo, mas não admite a recusa de caminhar. O ecumenismo, salienta o autor, colima entendimento sobre a *ecumene*, em todos os seus aspectos e envolvendo todos os seus agentes. Não é o diálogo que envolve apenas um grupo ou uma das suas

⁶⁷ WOLFF, 2004.

características. No ecumênico a prioridade não são as particularidades, mas o todo. Obviamente, o todo não existe sem as partes, de modo que são as particularidades e especificidades dos grupos em diálogo que constroem o horizonte total da *ecumene*. Todavia, não se pode limitar o todo a uma das partes, de modo que não se pode limitar o *ecumênico* às motivações, aos objetivos e interesses de apenas um dos grupos em diálogo.

Em decorrência de tudo isso, Wolff pleiteia a necessidade de um método para a eclesiologia ecumênica, que apresente com clareza as regras do pensar ecumênico sobre a igreja. Para o autor, o ecumenismo não pode ficar alheio a necessidade de reflexão e vivência de uma cidadania planetária, o que incute uma dimensão de sociedade à questão ecumênica. Da mesma forma, um método de eclesiologia ecumênica deve ocupar-se com as questões teológicas das igrejas, para o que é de vital importância que estabeleça-se uma hierarquia de verdades, especialmente para que um início de diálogo possa ser viabilizado. E, por fim, é primordial uma hermenêutica da comunhão, ou seja, tornar a própria vivência e, especialmente, a convivência das igrejas objeto de reflexão de modo que a cooperação e o diálogo conjunto sejam fomentados. A trajetória das igrejas individual e coletivamente precisa ser referência e, dessa forma, autoridade para a promoção da paz no mundo inteiro.

REFERÊNCIAS

CONSELHO NACIONAL DE IGREJAS CRISTÃS NO BRASIL. *Um tesouro em vasos de argila*: instrumento para uma reflexão ecumênica sobre a hermenêutica. São Paulo: Paulus, 2000.

LIBÂNIO, João Batista. Prefácio. In: WOLFF, Elias. *A unidade da Igreja*. São Paulo: Paulus, 2007.

PIKAZA, Xabier. *Violência e diálogo das religiões*: um projeto de paz. São Paulo: Paulinas, 2008.

SINNER, Rudolf von. Caminhos do Ecumenismo no Brasil: história, teologia, pastoral, *Revista Eclesiástica Brasileira*. Disponível em: <http://www.itf.org.br/revistas/reb/253_6.php>. Acesso em: 04 out. 2012.

_____. O debate eclesiológico no Conselho Mundial de Igrejas. *Teocomunicação*. Porto Alegre, v. 36, n. 153, p. 599-621, set. 2006. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/viewFile/1751/1284>>. Acesso em: 06 nov. 2013.

WOLFF, Elias. *A unidade da Igreja*. São Paulo: Paulus, 2007.

_____. *Caminhos do Ecumenismo no Brasil*: história, teologia, pastoral. São Paulo: Paulus, 2002.

_____. Possibilidades e limites de uma eclesiologia ecumênica – traços de um caminho. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 33-54, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/view/9201/6335>>. Acesso em: 06 nov. 2013.

_____. *Ministros do diálogo*: o diálogo ecumênico inter-religioso na formação presbiteral. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. O Diálogo na Igreja e a Igreja do Diálogo no Documento de Aparecida. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, n. 271, p. 532-569, 2008.

_____. Os caminhos rumo à unidade cristã no Brasil. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, n. 244, p. 771-802, 2001. Disponível em: <http://www.itf.org.br/revistas/reb/244_1.php>. Acesso em: 04 out. 2012.

_____. (Org.) *Exercitando a cooperação*. Florianópolis: ITESC, 2006.